

Fronteira México-Estados Unidos: representação de conflitos pós-modernos

Profa. Dra. Giséle Manganelli Fernandes (UNESP/SJRP)¹

Resumo:

*Este trabalho analisa a obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), de Gloria Anzaldúa, cujo tema remete à problemática fronteira México-Estados Unidos. A fronteira é representada como um local de muitas dores, sofrimentos, angústias e incertezas. Anzaldúa não se atém apenas a escrever sobre limites físicos, mas também econômicos e culturais. Em ano de eleições presidenciais nos Estados Unidos, a imigração, mormente a ilegal, é um dos assuntos mais polêmicos nos debates entre os candidatos, por envolver interesses diversos. Anzaldúa, em seu texto, mostra a força do hibridismo desses imigrantes e os conseqüentes conflitos desta situação. A obra escrita em Inglês e em Espanhol, e em prosa e em poesia, enfatiza o rompimento de fronteiras, inclusive o de gêneros literários.*

Palavras-chave: Gloria Anzaldúa, fronteiras, imigração, identidade, Literatura Chicana.

Em novembro deste ano ocorrerão as eleições presidenciais nos Estados Unidos e a imigração está entre um dos tópicos mais importantes em debate, na medida em que afeta de forma direta a vida dos americanos no tocante às relações de trabalho e aos encargos pagos pelos contribuintes daquele país.

Hoje os imigrantes latinos já representam 45,5 milhões de habitantes nos Estados Unidos e terão um papel relevante para definir quem ocupará a Casa Branca a partir de 20 de janeiro de 2009, o candidato democrata Barack Obama ou o republicano John McCain.

Na verdade, os latinos já vêm elegendo representantes no Congresso americano, bem como governadores e prefeitos, mostrando assim, sua força política para obter suas reivindicações na América.

Sem dúvida, a produção artística deste grupo nos Estados Unidos tem merecido a atenção de estudiosos de diversas áreas, na medida em que a pluralidade característica do Pós-Modernismo permitiu que vozes anteriormente silenciadas emergissem e fossem ouvidas. Entre estes grupos encontra-se o dos Chicanos, que têm lutas em busca de sua identidade e de entenderem e manterem suas origens que remontam ao tempo dos indígenas.

Para discutir quem são estes imigrantes e sua situação na América, utilizaremos a obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), da escritora Chicana² Gloria Anzaldúa. Neste livro, a autora discute as angústias e incertezas desses imigrantes, bem como questões essenciais relativas ao que viver na fronteira pode representar, mas não somente à fronteira física, mas também as fronteiras culturais e econômicas, as mais difíceis de serem transpostas.

¹ **Giséle Manganelli Fernandes, Profa. Dra.**

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de São José do Rio Preto
Departamento de Letras Modernas

gisele@ibilce.unesp.br

² Os Chicanos são mexicanos ou descendentes de mexicanos que moram nos EUA.

Neste trabalho, utilizamos a segunda edição do livro, publicada em 1999.

Para Anzaldúa, “*The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds.*”³ (1999, p.25). Esta “ferida” representa a grande separação existente entre os Estados Unidos e o México em termos econômicos e a riqueza americana que acaba por atrair mexicanos para seu território na tentativa de realizarem o “Sonho Americano”.

Na parte inicial de seu livro, a autora menciona a guerra dos Estados Unidos contra o México em 1846, quando os americanos ficaram com o Texas, Novo México, Arizona, Colorado e Califórnia (1999, p.29), mostrando como os mexicanos foram desterrados, separados de sua identidade e de sua história (1999, p.30). Este território que era do México e foi invadido pelos americanos é definido como *Aztlán*, pois se refere a uma área que já pertencia aos ancestrais indígenas dos mexicanos.

Portanto, os Chicanos acreditam ter direitos em relação a essas terras. Anzaldúa enfatiza isto em seu texto afirmando que:

*This land was Mexican once,
was Indian always
and is.
And will be again.*⁴ (ANZALDÚA, 1999, p. 25)

Conseqüentemente, a fronteira México-Estados Unidos torna-se problemática, porque ocorre um estado de crise de sentimentos dos Chicanos, pois seus ancestrais foram proprietários daquela vasta extensão de terra que, de modo violento, perderam em um conflito.

Hoje eles precisam atravessar uma fronteira policiada para poderem andar em um território que já pertenceu a seu povo. Nos Estados Unidos, esses imigrantes enfrentam uma série de dificuldades de adaptação e sentem-se divididos entre todos os aspectos culturais que carregam consigo desde os indígenas, aliado aos costumes e à língua que herdaram dos espanhóis e, agora, a inserção no cotidiano da América. Com toda esta mescla de possibilidades, os Chicanos estão sempre se vendo em relação aos outros, nunca permanecendo fechados em uma única forma de analisar o mundo.

Há áreas de fronteira que ficam marcadamente entre as duas culturas, tais como em El Paso e Juárez e Los Angeles e Tijuana. Segundo Arteaga, “*So while Aztlán places relatively greater emphasis on the homeland, the borderlands emphasizes more the state of relations*”⁵ (1997, p. 15).

Arteaga assinala a necessidade da construção de uma “consciência Chicana” (1997, p.17), pois esta mestiçagem pode representar uma esperança de entendimento da diversidade: “*Aztlán and the borderlands are therefore not the impossibilities they are for the nation states of the United States and Mexico but the open possibility for negotiating difference*”⁶ (1997, p.17). Esta possibilidade de negociação é fundamental no mundo globalizado, em que o conceito de fronteira tornou-se bastante relativo. As fronteiras físicas existem, mas tornaram-se cada vez mais permeáveis, notadamente em termos culturais.

³ A fronteira Estados Unidos-México é uma ferida aberta em que o Terceiro Mundo esfrega-se contra o primeiro e sangra.

⁴ Esta terra já foi Mexicana,
foi sempre Indígena
e é.
E será novamente.

⁵ Assim, enquanto Aztlán coloca relativamente maior ênfase no doméstico, as fronteiras enfatizam mais o estado de relações.

⁶ Aztlán e as fronteiras não são, portanto, impossibilidades para os estados-nações dos Estados Unidos e do México, mas a possibilidade aberta para negociar diferenças.

Na fronteira, há manifestações culturais, raciais e lingüísticas, levando a um processo de hibridização, uma mescla de culturas e modos de viver. Anzaldúa, ao escrever em Inglês e em Espanhol, revela a divisão que representa estar entre as tradições de seu povo e o estilo de vida americano. Embora detecte esta fragmentação, a autora conclama os latinos (de modo geral) que vivem nos Estados Unidos a não abandonarem as suas tradições, a sua história:

*To the immigrant **mexicano** and the recent arrivals we must teach our history. The 80 million **mexicanos** and the Latinos from Central and South America must know our struggles. [...] The Latinoist movement (Chicanos, Puerto Ricans, Cubans and other Spanish-speaking people working together to combat racial discrimination in the marketplace) is good but it is not enough. Other than a common culture we will have nothing to hold us together. We need to meet on a broader common ground.* (ANZALDÚA, 1999, p.109)⁷

Os mexicanos têm feito o caminho de volta para uma terra que já lhes pertenceu, o que é chamado pelos americanos de “a invasão silenciosa” (1999, p.32). Entretanto, este retorno é bastante problemático, pois os imigrantes ilegais que tentam cruzar a fronteira pelo Rio Grande têm de enfrentar a Polícia de Fronteira, que se os prendem, os mandam para seus países de origem.

Os que conseguem fazer a travessia e permanecem na ilegalidade constituem uma das parcelas “mais pobres e mais exploradas os Estados Unidos” (1999, p.34). As mulheres são as que mais sofrem neste processo, pois os “coiotes” não as alimentam, e até mesmo as estupram, ou as vendem para a prostituição. As “*indocumentadas*” passam por todo o tipo de ameaças ao saírem de suas casas e famílias para tentarem a sorte em um terreno perigoso (1999, p.34-35). Porém, como veremos adiante, Anzaldúa exalta o papel dessas mulheres para uma nova consciência, pois, como já mencionado anteriormente, a miscigenação deu-lhes maior tolerância para entender as diferenças.

Não há dúvida de que a língua é um dos fatores de unificação de um povo e Anzaldúa aponta que os Chicanos falam o “*Chicano Spanish, um **nuevo lenguaje***”⁸ (1999, p.77). A criação desta língua foi necessária pelo fato de revelar uma modo de vida, aquele que reflete a maneira de os Chicanos expressarem sua forma de pensamento e de enfrentarem o mundo. Esta língua, segundo a autora, não é nem Inglês, nem Espanhol, mas as duas juntas. Sua existência é justificada porque havia a necessidade de comunicar uma realidade peculiar aos Chicanos, objetivo que o Inglês e o Espanhol não conseguiam cumprir com propriedade.

A escritora salienta que os Chicanos falam várias línguas, que variam desde o Inglês padrão, passando pelo *Tex-Mex*, chegando ao *Pachuco*, podendo incluir também o *Spanglish*. Entretanto, ela destaca as pressões que sofria tanto em casa quanto na escola para que falasse Inglês corretamente. Em determinada ocasião, uma de suas professoras lhe disse: “*If you want to be American, speak ‘American.’ If you don’t like it, go back to Mexico where you belong*”⁹ (1999, p.76). Ela ainda se lembra de quando os professores brancos puniam os estudantes por serem mexicanos (1999, p.111). A mãe de Gloria também se preocupava em mostrar para a filha o quão fundamental era falar bem Inglês para que ela obtivesse um bom emprego. Na Pan American University, Anzaldúa explica que ela e os alunos Chicanos tinham de freqüentar aulas de oratória, cujo propósito era eliminar o sotaque desses estudantes (1999, p.76).

Apresentando-se como uma “rebelde”, a autora expõe toda a sua revolta contra os sistemas pré-estabelecidos. Ela afirma ter uma língua ferina, que não pode ser domada, apenas cortada. Ela

⁷ Temos de ensinar nossa história ao imigrante mexicano e aos que chegaram recentemente. Os 80 milhões de mexicanos e os Latinos das Américas Central e do Sul devem saber de nossas lutas. [...] O movimento Latino (Chicanos, Porto-Riquenhos, Cubanos e outros falantes de Espanhol trabalhando juntos para combater a discriminação racial no mercado) é bom, mas não é suficiente. Não teremos nada que nos mantenham unidos além do que uma cultura comum. Precisamos nos encontrar em um terreno comum mais amplo.

⁸ o Espanhol Chicano, uma nova língua.

⁹ “Se você quer ser Americana, fale ‘Americano.’ Se você não gosta disso, volte para onde você pertence, o México”.

escreve para denunciar injustiças e opressões contra o seu povo. Seu trabalho e o de outros escritores origina-se do estado de desconforto, de perturbação, que viver na fronteira representa: “*Living in a state of psychic unrest, in a Borderland, is what makes poets write and artists create*”¹⁰ (1999, p.95). Para Anzaldúa, escrever é um ato de resistência: “*Escribo com la tinta de. mi sangre*”¹¹. Os escritores e artistas criam pelo sofrimento de estarem divididos entre duas culturas.

Segundo Stuart Hall, o sujeito pós-moderno não possui uma “identidade fixa, essencial ou permanente” (1999, p.12). Os Chicanos encontram-se nesta situação, sem uma identidade definida, pois não são considerados nem americanos nos Estados Unidos e nem tampouco mexicanos no México, isto é, eles têm a sensação de não pertencerem a lugar nenhum.

Os Chicanos são híbridos e, neste sentido, Arteaga salienta que

*The Chicano is at once mestizo and Indian, and the mestizo and Indian lives in the United States and /or Aztlán and speaks English and/or Spanish. And beyond this, the subject is hybridized, meaning that there is always the possibility of the subject's active participation in that definition.*¹² (ARTEAGA, 1997, p.18).

Essa sensação de ambigüidade é difícil de ser resolvida, mas, justamente por haver esta convergência de diversas origens e culturas é que podemos pensar em alguma esperança para o entendimento entre os povos.

Anzaldúa aborda ainda outras causas: a das mulheres e das lésbicas. Ela aponta que a cultura é feita pelos homens, cabendo às mulheres apenas transmiti-la. O machismo mantém as mulheres com papéis bem definidos sob o pretexto de protegê-las. Às mulheres cabe serem submissas, humildes, altruístas, subservientes aos homens. Não havia muitas escolhas a serem feitas pelas mulheres: elas podiam ser freiras, prostitutas ou mães (1999, p.39). Agora, há uma quarta possibilidade, isto é, a de estudarem e entrarem no mercado de trabalho, tendo uma carreira. Contudo, a mulher sempre deve ser aquela em cuja responsabilidade está a de cuidar da casa e dos filhos: “*Educated or not, the ônus is still on woman to be a wife/mother—only the nun can escape motherhood. Women are made to feel total failures if they don't marry and have children*”¹³ (1999, p.39). Embora as mulheres tenham conquistado muitos avanços em termos profissionais, a autora aponta o conservadorismo ainda dominante a respeito do papel da mulher na sociedade. Sua forma de rebelar-se contra o sistema foi sua escolha de ser “*queer*” (1999, p.41).

Partindo da definição de “raça cósmica” (que “abarcaria as quatro maiores raças do mundo”), do filósofo mexicano José Vasconcelos, Anzaldúa discute esta força do sujeito que provém da mestiçagem. Embora haja muitos problemas de identidade neste processo, o hibridismo é enfatizado pela autora como produtor de um ser maleável, com uma genética rica (1999, p.99). Daí ocorreria uma maior compreensão das diferentes culturas.

E a “nova mestiça” representa este hibridismo que promove “*a tolerance for contradictions, a tolerance for ambiguity*”¹⁴, porque esta *new mestiza*

learns to be an Indian in Mexican culture, to be a Mexican from an Anglo point of view. She learns to juggle cultures. She has a plural personality [...]. Not only does

¹⁰ Viver em um estado de perturbação psíquica, em uma Fronteira, é o que faz poetas escreverem e artistas criarem.

¹¹ Escrevo com a tinta do meu sangue.

¹² O Chicano é ao mesmo tempo mestiço e Índio, e o mestiço e Índio mora nos Estados Unidos e/ou no Aztlán e fala Inglês e/ou Espanhol. E, além disso, o sujeito é híbrido, significando que há sempre a possibilidade da ativa participação do sujeito naquela definição.

¹³ Educada ou não, o ônus ainda está sobre a mulher de ser esposa/mãe—somente a freira pode escapar a maternidade. As mulheres são feitas para se sentirem totalmente fracassadas se elas não se casam e não têm filhos.

¹⁴ uma tolerância para contradições, uma tolerância para a ambigüidade.

*she sustain contradictions, she turns the ambivalence into something else.*¹⁵ (ANZALDÚA, 1999, 101)

Em *Borderlands/La Frontera*, obra escrita em Inglês, Espanhol e em alguns momentos na língua indígena *Nahuatl*, Anzaldúa mistura também prosa e poesia, mostrando uma ruptura de fronteiras de gêneros e é esta mescla, este hibridismo, que caracteriza o mundo pós-moderno em sua pluralidade de culturas que se refletem nas múltiplas formas no campo artístico. Cabe-nos, como estudiosos de literatura, trazer para a academia a discussão textos desafiadores, na medida em que revelam outras perspectivas de abordagem da produção literária das últimas décadas e apresentam questionamentos significativos para o novo contexto global.

Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. 2nd. ed. San Francisco: Aunt Lute, 1999.

ARTEAGA, A. *Chicano Poetics: Heterotexts and Hybridities*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

¹⁵ aprende a ser Índia na cultura mexicana, a ser Mexicana do ponto de vista Anglo. Ela aprende a lidar com duas culturas. Ela tem uma personalidade plural. [...] Ela não apenas sustenta contradições, ela transforma ambivalência em outra coisa.